

UNIT – UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE ENSINO A DISTÂNCIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS  
PÓLO: MONTE ALEGRE DE SERGIPE

**A RELEVÂNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO  
CONTEXTO SOCIAL**

Juliane de Sousa Menezes Silva  
Wagner Santana de Barros

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Universidade Tiradentes  
para a obtenção do grau em licenciatura  
em Letras/Português

Orientadora: Daniela Souza

Monte Alegre de Sergipe – SE  
2009

## Resumo

*Desde o início do século XX que pesquisas investigam a importância da variação linguística no contexto regional e sócio-linguístico, dando ênfase na forma que os falantes utilizam a língua considerando todos os fatores em que esse falante se encontra, seja na localidade ou na classe social. A variação no contexto sócio-linguístico, nota-se que a linguagem varia de acordo com a faixa-etária, classe social, profissão e sexo a qual chamamos de diástrica. Já a variação no contexto regional está relacionada a que localidade geográfica o falante se encontra sendo assim denominada de diatópica. No Brasil a variação linguística está presente como um todo, devido a cada região possuir seu próprio dialeto e também pelo fato de ser um país subdesenvolvido a maioria dos habitantes de classe média e classe baixa variam a linguagem por está inserido no contexto sócio-cultural e econômico da comunidade. O objetivo das pesquisas feitas em torno da variação linguística persiste em acabar com o preconceito e defender a forma diferente de falar. Portanto, a variação linguística deve ser respeitada e valorizada preservando a cultura de cada pessoa, a forma que o ser humano fala e se expressa, independente de está correta ou não, está sendo compreendida dependendo do nível intelectual de cada um. Na maioria das vezes, o preconceito acontece por parte do educador, que por sua vez estabelece uma comparação entre a língua materna, o letramento a variação e ensino, comparando o ensino da gramática tradicional com o ensino de História, Geografia, Física, Química e outras ressaltando a necessidade de se acompanhar os avanços. O educador ao suprir a dificuldade do aluno deve explicar que a linguagem é utilizada no registro culto ou formal e coloquial ou informal, e em que ocasião as duas formas podem ser utilizadas. A partir desse prévio conhecimento sobre a variação linguística o educador e o aluno percebe que o variante não é uma deficiência, pois a forma que os falantes usam para se expressar não interfere na comunicação.*

Palavras-chave: **Variação linguística, linguagem, comunicação, preconceito.**

## **A RELEVÂNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO SOCIAL**

Dentre os estudos feitos acerca da linguagem, a variação linguística, segundo alguns teóricos é um tema de suma importância em todos os níveis da elaboração da linguagem, sobretudo no contexto regional e sócio-linguístico, no qual ocorre em função do emissor e receptor, levando em consideração a localidade em que os dois se encontram, faixa-etária, classe social e profissional, sendo assim os responsáveis por essa variação.

Embora o aspecto social da língua tenha chamado a atenção desde cedo, tendo tido relevância já no trabalho do linguística suíço Saussure no início do século XX, foi talvez somente nos anos 1950 que este aspecto começou a ser investigado minuciosamente.

Mas pode-se dizer que a figura chave foi William Labov, que, nos anos 1960, começou uma série de investigação sobre a variação linguística – investigações que revolucionaram a compreensão de como os falantes utilizam sua língua e que acabaram por resolver o paradoxo de Saussure.

A linguagem vista do contexto regional refere-se a variação geográfica ou seja às diferenças lexicais, fonológicas e sintáticas, observadas entre falantes de diferentes regiões geográficas. E a variação no contexto sócio-linguística, ramo da linguística que estuda as relações entre linguagem e sociedade, são descritos a seguir.

A variação é observada a partir das diferença na linguagem de diversos grupos sociais, os quais podem ser constituídos por critérios variados, tais como: classe social, grau de

instrução idade, profissão, sexo, etnia, e outros. Com relação à influência da posição social e do grau de instrução, fatores esses que geralmente aparecem juntos, a oposição mais importante se dá entre a linguagem culta e a linguagem popular.

De um modo, devemos considerar a variação geográfica, chamada de diatópica, e a variação social, chamada de diastrática, para entender as variedades linguísticas.

A variação “diatópica”, está relacionada à disposição geográfica, ou seja, a qual região pertence o falante e, para isso, consideramos os obstáculos naturais e as grandes distâncias.

Podendo assim destacar as variedades no Brasil, em que pessoas originárias de diferentes regiões falam de várias formas, como exemplo citado no livro Introdução à Linguística de Fernanda Mussalim e Anna C. Bentes, 2003: “...entre falantes brasileiros originários das regiões nordeste e sudeste, percebemos diferenças fonéticas como, por exemplo, a pronúncia das vogais médias pretônicas – como ocorre na palavra “melado” – pronunciadas como vogais abertas no nordeste e fechadas no sudeste. Percebemos também diferenças gramaticais, como por exemplo, a preferência pela posposição verbal da negação, como em “sei não” (nordeste) e “não sei” (ou, “não sei, não”, no sudeste); e o uso do artigo definido antes de nomes próprios como em “Falei com Joana” (nordeste) e “Falei com a Joana” (Sudeste).”

Já a variação “diastrática” está relacionada com a identidade dos falantes e sua relação com a organização sócio-cultural e econômico da comunidade, onde podemos enfatizar: a classe social, a situação ou contexto social, a idade, o sexo. Na literatura classificam esses fatores, além da oralidade e escrita, é considerada a formalidade e a não-formalidade denominada “diafásica”.

Baseados na obra de Mussalim e Bentes, podemos citar como exemplo: no contexto social, a pessoa muda sua fala de acordo com seus interlocutores e todo falante varia sua fala dependendo da situação em que se encontra; a idade, o uso do vocabulário particular presencia certas giras que demonstra uma faixa etária jovem; o sexo, a duração de vogais como recursos expressivos, em “maravilhoso” e o uso frequente de diminutivos, como “lindinho”, é comum ocorrer na fala feminina.

O conhecimento a respeito da variação linguística parte de uma perspectiva sócio-linguística, que contribui para destruir o mito da “deficiência linguística” retratado no livro de Marcos Bagno, em “Preconceito Lingüístico” que defende a forma diferente de falar.

Marcos Bagno em sua obra Sociolingüística publicada em 1997, “A língua de Eulália”, mostra o uso da linguagem diferente que nem sempre pode ser considerado um “erro de português”. Essa maneira que as pessoas tem de falar pode ser explicado pela Linguística, pela História, pela Sociologia e até mesmo pela Psicologia. Muitas vezes a tradição educacional nega a existência de uma pluralidade na Língua Portuguesa.

No livro “A língua de Eulália” (2003) acontece uma comparação entre o português-padrão e o português-não-padrão, mas não existe o preconceito somente na linguagem, mas sim, nas diferenças sociais mostrando que esses preconceitos são comuns, podemos citar como exemplo, o étnico: índio “preguiçoso”, o negro “malandro”, o japonês “trabalhador”, o judeu “mesquinho”, o português “burro”, o sexual: a valorização do “macho”, o cultural: o desprezo pelas medicinas caseiras, além dos socioeconômicos como a valorização do rico e o desprezo pelo pobre e entre outros.

O autor Fernando Tarallo (1994) em sua obra Pesquisa Sociolinguística mostra que os dialetos regionais podem ser descritos e mapeados com base em metodologia da linguagem que subsidie o trabalho do linguística.

Portanto a variação linguística deve ser valorizada, como se respeita o ser humano tem que respeitar a forma que ele fala e se expressa, pois a comunicação pode não ser gramaticalmente correta, mas está sendo compreendida de acordo com o nível do emissor e do receptor.

A tradição cultural nega a existência de determinadas variedades lingüísticas no Brasil, que rejeita as manifestações linguísticas considerando como deficiência do usuário. Nesse conceito gera vários preconceitos entre eles o linguístico.

Souza (1996), depois de analisar publicações sobre variação linguística, teve como resultado a importância e necessidade de se compreender o significado dos dialetos e as responsabilidades da escola, esse problema atinge principalmente as crianças das camadas populares, desqualificando-as através da fala, dificultando o processo de alfabetização. A distância entre a linguagem veiculada pela escola e a linguagem das camadas populares, pode ser vista como uma das causas do fracasso escolar das crianças provenientes das camadas populares. A escola tem como objetivo ensinar o português padrão, ou seja, criar condições para que ele seja aprendido.

Segundo Bagno (1999), ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da

vida, reconhecer a língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano; Ensinar para o bem é acrescentar e não suprir é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo.

Certas palavras e construções que empregamos acabam “denunciando” quem somos socialmente: citando como exemplo, em que região nascemos, qual o nosso nível social, escolar, nossa formação e, às vezes, até nossos valores, círculo de amizades, a língua é um poderoso instrumento social.

Portanto pode-se concluir que a variação linguística persiste em preservar a forma de falar de cada indivíduo considerando os valores culturais, regionais e sociais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália. Novela sociolingüística. Ed. Contexto, 1997.

Dramática da língua portuguesa. 2000. Tese (Doutorado em filologia e língua portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FRETI, Dino. Sociolingüística. Os níveis de fala. São Paulo: Nacional, 1974.

Língua Materna: Literatura, variação e ensino. Ed. Parábola. 2002.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina. Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras. V. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. Ed. Parábola. 2001.

Preconceito Linguístico. O que é, como se faz. Ed. Layola. 1999.

SOUZA, M. A. Variação Linguística e Alfabetização no Brasil. O estado da arte de 1980 a 1994. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sócio-lingüística. 4ª Edição. Ática. 1994.